

## POSTAGENS DO GÊNERO *MEME* NO FACEBOOK: PRÁTICA DE PRODUÇÃO LINGUÍSTICA COMO MANIFESTAÇÃO DO PENSAMENTO COLONIALIZADO

**Rodney Mendes de Arruda (IFMT/Campus Cuiabá)**  
[rodney.arruda@cba.ifmt.edu.br](mailto:rodney.arruda@cba.ifmt.edu.br)

**Cláudia Lúcia Landgraf-Valerio (IFMT/Campus Cuiabá)**  
[claudia.valerio@cba.ifmt.edu.br](mailto:claudia.valerio@cba.ifmt.edu.br)

### RESUMO

Este trabalho analisa manifestações do pensamento colonializado no Facebook, passíveis de um trabalho pedagógico. Nosso objetivo é demonstrar a reprodução e manutenção de um status quo, verificadas em postagens sobre bairros periféricos de Cuiabá-MT e Várzea Grande-MT. Observamos, nas publicações, discursos ideologicamente naturalizados em nossa cultura. Para que este quadro se desestabilize, propomos a descolonialidade do pensamento pela prática educativa.

### PALAVRAS-CHAVE

Linguagem; pensamento colonializado, preconceito.

### ABSTRACT

This paper analyzes manifestations of colonialized thoughts on Facebook, that could be subject to pedagogical work. The aim is to demonstrate the reproduction and maintenance of a status quo, checked on posts about Cuiabá and Várzea Grande-MT neighborhoods. In these publications, we observe ideologically naturalized discourse in our culture. For this framework destabilizes, we propose the descolonial thinking through educational practicing.

### KEY WORDS

Language; colonialized thought; prejudice.

## 0. Introdução

O mundo atual vive sob o signo das diversidades, caracterizado pela liberdade de expressão, antes bastante relegada ao universo das artes. No entanto, mesmo com essa abertura, não cessam os movimentos de resistência,

em nome da manutenção do *status quo* e valores mais conservadores. Com a tecnologia e acesso à informação e, por isso, a possibilidade de todos serem usuários e produtores de texto nas redes sociais, acirram-se os conflitos, alguns dos quais de base histórica bastante remota, ainda que desconsiderados pela massa.

Desfilam na mídia os preconceitos racial, social, de gênero, por sua vez, combatidos por movimentos sociais e acadêmicos. Na esfera escolar não é diferente. Questões sobre diversidade, com diferentes posicionamentos, tem seu espaço de manifestação tanto dentro dos muros escolares quanto para além deles, inclusive com uso de redes sociais. Educadores não podem ignorar este contexto. Discutir pedagogicamente os preconceitos sociais que se reproduzem na escola apresenta-se como uma necessidade para a construção de um processo de ensino e aprendizagem significativo para o exercício da cidadania.

## **1. Referencial teórico**

Língua e linguagem são complementares, imbricadas e objetos constantes de análise. Em termos de Rajagopalan (2003, 2013), a Linguística Aplicada não é uma forma caudatária do pensamento linguístico-teórico, mas sim um fazer prático que parte da linguagem observada na vida cotidiana, atrelada constitutivamente e indissociavelmente à atuação política no mundo (2013, p. 145), e que pode e deve ser pensada regionalmente. O autor denuncia que o conceito de língua, historicamente, tem sido repleto de conotações políticas (p. 149).

Apresenta a discriminação a línguas mistas como uma visão disfarçada do ódio à mistura de raças, xenofóbica, eugenista. Demonstra que os colonizadores portugueses eram conscientes do poder da imposição linguística em sua missão imperialista, e que nos dias atuais sobrevivem os modismos advindos d'além mar, importados, com reconhecimento de um papel periférico, tanto quanto ao ensino de línguas quanto ao pensar sobre a linguagem.

Rajagopalan, representante da Linguística Crítica (2003), propõe o redimensionamento dos estudos e da prática, que deve ser interventiva, cuja concepção de educação coaduna com a visão freiriana.

As discussões acerca da colonialidade estão presentes nos estudos linguísticos, Estudos Culturais e nas Ciências Sociais, tendo Mignolo (1991) e Quijano (2005) (argentino e peruano, respectivamente) como expoentes. Ambos denunciam e caracterizam a lógica da colonialidade, encontrada nos âmbitos social, político e econômico. O surgimento dessa prática ocorreu no século XVI, como a colonização da América, e demonstra vitalidade até o presente momento, sendo motivo de estudos acadêmicos e discussões de base epistemológicas.

O termo colonialidade é tratado junto ao de des/decolonialidade, pelo valor da resistência que se verifica e que se procura instigar com a ação política. Ao longo do tempo, Quijano propôs a Colonialidade do poder e Coloniadade do saber, duas categorizações que abarcam a supremacia e opressão, principalmente considerando que o eurocentrismo não se trata de um lugar geográfico, mas de uma imponente estrutura histórica epistemológica, que nega as histórias locais, sobrepondo-as.

Said (2003), árabe de nascimento e cidadão americano, desenvolveu seu conceito de colonialismo a partir do olhar distorcido do Ocidente acerca do Oriente, cuja representação maior dos árabes é como bárbaros e ameaçadores. O autor situa o projeto orientalista com origem na Idade Média, com o processo de fabricação do 'Outro', constatados em discursos culturais, políticos e literários, eivados de preconceitos, que o autor chama de 'paranoia' sobre o orientalismo. Em sua descrição acerca da realidade oriental e seu potencial acadêmico, atualmente reconhecido, o autor categoriza o orientalismo em *latente* (permeado por concepções inconscientes e intangíveis) e em *manifesto* (composto pelas ideias transmitidas pela mídia).

Rajagopalan (2003, p, 25) defende que os linguistas devem rever conceitos e categorias com os quais trabalham, para que se adequem às mudanças ocorridas em nível social, geopolítico e cultural.

Com os estudos da linguística aplicada, a concepção de gênero textual se consolida como um fenômeno histórico vinculado à vida cultural e social, sendo, assim, fruto de um trabalho coletivo (MARCUSCHI, 2003). Desta forma, a produção dos mais variados gêneros em diferentes tempos históricos facilita o processo de interação discursiva entre os sujeitos, uma vez que os contextos social e cultural estão conectados.

Ao considerar as mudanças no tempo histórico pelas quais os gêneros passam para atender a necessidades comunicativas do usuário da língua e o advento das tecnologias de informação e comunicação, não se pode ignorar os novos gêneros produzidos em redes sociais como *Facebook*, *twitter* e outros. Para Marcuschi (2003, p.10) “uma tecnologia projeta estratégias de textualização, gera um novo gênero e subverte, até certo ponto, cânones bem estabelecidos no processo de construção textual”.

As Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTIC) têm influenciado significativamente nosso processo de interação social através das atividades desenvolvidas pelas comunidades virtuais e das informações que circulam na rede. Esses avanços tecnológicos contribuem para a subversão de cânones citada por Marcuschi (2003) e, para o surgimento de novos gêneros, como o *Meme*, gênero textual de ampla circulação em redes sociais como Facebook.

Em sua obra *O gene Egoísta* (2007), para conceituar meme, Dawkins estabelece uma analogia entre o conceito de gene (diretamente ligado à genética) e o conceito de meme (diretamente ligado à cultura). Para o autor, alguns “exemplos de memes são melodias, ideias, “slogans”, modas do vestuário [...]” (DAWKINS, 2007, p. 196). Para Blackmore (2008), um meme é aquilo que é imitado, ou uma informação que é passada de pessoa para pessoa. Na esteira da replicação do meme, de acordo com Toledo (2013, p. 184), “o sucesso de um meme não se dá a despeito dos seres humanos, e sim por causa deles [...], do ponto de vista dos seres humanos, escolhemos passar os memes de que mais gostamos”.

As escolhas lexicais feitas pelo sujeito a fim de compartilhar com outros leitores no *Facebook*, assim como em outras esferas de interação, são ideológicas e se constituem nas relações com o outro, inclusive na esfera escolar. Para Freire (1983) essa ideologia disseminada na sociedade, e reproduzida na escola, representa o jogo de poder estabelecido entre as classes dominantes e as dominadas. Freire (1983, p.81) salienta, ainda, que “seria impossível falsificar a realidade, como realidade da consciência, sem falsificar a consciência da realidade. Uma não existe sem a outra”. Assim, para o autor, nesse processo de dominação do outro, as classes dominantes enfrentam o desafio de, ao não poder fazer desaparecer a capacidade de pensar dos homens, mitificar a realidade, promovendo uma falsa ideia de consciência.

Em contextos escolares, é notória a reprodução de padrões e atitudes verificados em outras esferas sociais. No que concerne ao uso de redes sociais, o cotidiano da escola, independentemente da vontade de quem nela trabalha, vem sendo alterado dia a dia, uma vez que as necessidades dos alunos, jovens inseridos em práticas digitais, têm exigido dos educadores atenção e mudanças acerca do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Para Coscarelli (2007), o professor precisa realmente enfrentar o desafio de trabalhar com recursos tecnológicos e se preparar para uma nova realidade.

O uso pedagógico de informações que se propagam em redes sociais, como o *Facebook*, construindo ou desconstruindo preconceitos, precisa fazer parte das atividades de ensino e aprendizagem. Com o desenvolvimento de propostas ancoradas em postagens de *meme*, com diferentes posicionamentos, o educador contribuirá para a construção, a partir das discussões promovidas em sala de aula, de uma geração que consiga se posicionar de forma mais crítica diante das diferenças, visando desestabilizar preconceitos.

## 2. Metodologia

Este trabalho se insere na área da Língua Aplicada, numa perspectiva crítica (MOITA-LOPES, 2013). A primeira etapa do trabalho consistiu na busca por textos verbo-visuais, do gênero *meme*, disponibilizados no *Facebook* e recorrentes nas postagens de diversos usuários, partindo da categoria *preconceito*, que evidenciassem posturas já observadas de forma oral em diversos contextos, inclusive no ambiente escolar/acadêmica.

Na segunda etapa, procedemos a uma seleção e análise do material coletado, tendo preferido as postagens que envolvem uma situação local recorrente: a relação centro x periferia percebida em Cuiabá e Várzea Grande e o sentimento de supremacia da capital sobre Várzea Grande, cidades vizinhas, no estado de Mato Grosso.

Por fim, ponderamos sobre a necessidade de o educador promover discussões pedagógicas com textos do cotidiano de seus alunos, dentre eles os *memes* compartilhados no *Facebook*.

## 3. Análise e discussão dos dados

Os casos de opressão eurocêntrica refletiram negativamente sobre os povos colonizados, a exemplo do pensamento português sobre a colônia portuguesa. O pensamento de domínio e supremacia foi assimilado com o passar do tempo, cristalizando-se no discurso das novas gerações. Essa realidade é reflexo da célebre frase de Freire, de que quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é tornar-se opressor (FREIRE, 1983).

A América Latina é resultado de tomada de poder e opressão em nome de conquistas e bandeiras. A história do Brasil é pródiga em colonizações, responsáveis por diferentes aspectos culturais e linguísticos ao longo de sua extensão geográfica. No entanto, o sentimento de nacionalidade, com carga ideológica, é diferente entre Brasil e outros países latinos. Reproduzimos, tanto quanto possível, a dualidade supremacia/inferioridade racial, ao passo que outros países apresentam sinais de resistência política e nacionalidade.

Somos um país de mestiçagens, e Mato Grosso também reflete essa história. Apesar de cantada em versos e valorizada em sua cultura, via literatura e trabalhos acadêmicos<sup>1</sup>, o estado é parte de uma periferia dentro da periferia nacional, em relação aos espaços estrangeiros.

Os *memes* escolhidos para este trabalho, considerando um grande universo de material, são os que seguem.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

<sup>1</sup> Os professores do IL/UFMT Maria Inês Pagliarini Cox e Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (atualmente na USP) elaboraram vários trabalhos, individuais e em parceria, acerca de aspectos linguísticos do falar cuiabano, entre eles o rotacismo, mote de estudo de Cox, e objeto de preconceito mesmo localmente.

Sendo multimodais, são elaborados a partir de mais de um modo de representação (PAES DE BARROS, 2009, p. 163). Deparamo-nos com a escolha lexical, que desvela o discurso preconceituoso, opressor, colonialista, amalgamado a uma imagem simbólica, representativa. Esta justifica a escolha textual e a complementa, coadunando com os sentidos iniciais. São simbólicas porque não representam denotativamente a realidade criticada, mas evocam imagens inconscientes e/ou míticas, que valorizam a criação do gênero e desvalorizam o objeto da crítica.

A figura 1 tem como contexto inicial uma notícia de novembro de 2015<sup>2</sup>, quando um integrante do grupo Estado Islâmico postou a mensagem “Brasil, vocês são nosso próximo alvo”, em sua conta pessoal no *Twitter*, notícia divulgada com bastante alarde no país, e motivo de muitas postagens irônicas/humorísticas nas redes sociais. Temos, então, a montagem, de cima para baixo, de forma que esta é a primeira fala, respondida por uma foto com um grupo de jovens com o rosto à mostra, sorrindo, portando armas. Na parte textual, aparece a provocação ao oponente (*vacilão*), a identificação de pertença ao Pedra 90, periférico bairro de Cuiabá e, ainda, a vinculação a parceiros do bairro Mapim, de Várzea Grande.

A Figura 2 refere-se ao *Happy Holi Cuiabá* (O festival das cores) realizado em 13/06/15. Devemos notar que, no título do evento, aparece o nome da capital do estado, por seu prestígio, pela convenção e manutenção do imaginário de que este ocorre em cidade de grande porte. No entanto, realizou-se no estacionamento de uma faculdade privada, na cidade de Várzea Grande<sup>3</sup>. Desconsiderando esta realidade, aproveita-se do evento para ironizar e reforçar a imagem negativa de Várzea Grande. Semioticamente, temos a imagem associada a Cuiabá no plano superior, em cores, com pessoas voltadas ao palco para assistir a um show, de acordo com a expectativa da

---

<sup>2</sup> <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/04/agencia-de-inteligencia-confirma-ameaca-de-atentado-do-ei-ao-brasil-5778091.html>

<sup>3</sup> Sobre isso, o fato mais marcante é o de Cuiabá ser a capital do estado, porém o aeroporto situar-se na cidade vizinha, polêmica que aquece a discussão da importância das duas cidades.



divulgação<sup>4</sup>, e, no plano inferior, a imagem associada à Várzea Grande, com pessoas cobertas de barro, num tom monocromático. Estão felizes, porém sujas. A imagem escolhida para retratar Várzea Grande está deslocada de seu contexto original, em que aparecem jovens se divertindo. Com isso, e para cumprir o objetivo pretendido, o sentido passa a ser de sujeira, da falta de acesso ao que é melhor, de bom gosto, uma versão tupiniquim da festa.

Na Figura 3, temos um texto com a denúncia de que varzeagrandenses passam-se por cuiabanos em perfil do *Facebook*. A frase é exclamativa, o que enfatiza a crítica da declaração. Em relação à imagem, tem-se um homem branco, de olhos claros, com um dedo sobre a boca, cuja imagem sugere a ideia de quem está pensando sobre algo, analisando algo/alguém. Dado o texto, este homem representa o lado quem critica, logo, alguém que reside em Cuiabá. No entanto, trata-se de uma imagem distorcida, que não reflete a marca fenotípica dos cuiabanos. Com essa escolha, tenta-se mostrar a associação da imagem do branco como superior, como o que aponta e julga o erro (as escolhas) do outro.

Na Figura 4, também temos uma frase exclamativa, de teor mais impactante, principalmente pela associação de imagem com a do personagem Superman, em seu filme mais recente. Na cena original, o homem branco, herói, é rodeado por pessoas de outro país (México), que o admiram. Neste caso, temos claramente a associação de imagem do cuiabano representado por um homem branco, bonito, norteamericano e ficcional. A frase e a imagem revelam uma superioridade que não condiz com a realidade geográfica, pois sendo cidades tão próximas, a circulação de uma para outra é diária e intensa.

Analisando a produção no gênero, observa-se a ideia de imitação, consoante Blackmore (2008). No caso do local de circulação, a internet (especificamente, o *Facebook*), ocorre a imitação do discurso corrente na comunidade cuiabana, havendo uma transposição e registro do discurso que

---

<sup>4</sup> Sobre este aspecto cabe outra análise. As imagens divulgadas são sempre bonitas, com cores variadas e vibrantes. Após o evento local, muitos memes foram criados ironizando a oposição expectativa *versus* realidade, em que aparecem pessoas sujas, com pele e roupas manchadas, porém longe da imagem projetada na mídia.

poderia ser negado como preconceituoso, sob a justificativa de ser uma brincadeira, o que não sobrevive a uma análise discursiva, de forma crítica, que precisa ser instigada no âmbito escolar. Existe também o *passar de uma pessoa a outra*, seja pela produção do gênero, seu compartilhamento ou os comentários que se apresentam, seguidos ou não, de polêmica nos comentários da postagem. Dependendo do grupo de contatos que se tenha, não há contestação do valor discursivo do que se veicula.

Com estas imagens, demonstra-se a cristalização do pensamento colonializado, por parte de quem, uma vez subjugado por outros países e por outros estados dentro do mesmo país, sente-se superior por uma questão geo-social, desconsiderando as várias questões sociais, políticas, linguístico-culturais que envolvem pertencer às duas cidades. Temos a atualização – ou a versão regional – do olhar distorcido do Ocidente sobre o Oriente, o olhar de cima, com superioridade. No dizer dos produtores desses memes, morar em Cuiabá é mais importante, confere mais status. Junto a eles, os compartilhamentos são o eco desse discurso preconceituoso, originalmente piada, desconsiderando seus efeitos de sentido.

Assim como nas redes sociais, observa-se no contexto escolar esta relação preconceituosa da capital sobre a cidade vizinha, Várzea Grande. No entanto, ainda é incipiente o número de educadores que se propõe a trabalhar essa questão, apesar de presentes no cotidiano de seus alunos. Isso se deve não apenas ao assunto, que não deixa alguns educadores à vontade nas discussões, mas também ao domínio das NTICs para fazer uso pedagógico tanto das ferramentas quanto das informações vinculadas. As escolas devem contribuir para o processo de letramento digital de seus professores que precisam estar dispostos a enfrentar esse desafio (COSCARELLI, 2007). Quando a escola propicia momentos formativos aos educadores para o uso da NTICs de forma crítica, transforma-se em *lócus* de discussões de ideias vinculadas nas redes sociais, não se restringindo a somente possibilitar ao educador, e conseqüentemente ao aluno, o acesso a essas informações online, de forma alienada.

Esse processo, evidentemente, não é imediato, portanto a proposta de uma formação continuada entre os pares, organizada de forma reflexiva, poderá ajudar os profissionais a superarem suas limitações e, conseqüentemente, desenvolver de forma mais segura suas propostas pedagógicas com o uso das NTICs, explorando as diversas informações vinculadas em *memes* nas diferentes redes sociais, dentre elas o *Facebook*.

## Considerações Finais

A língua é uma construção social e, como é mobilizada para desvelar nossos discursos, vai constituindo nossa identidade. No caso do pensamento colonializado, os gêneros constituídos revelarão os discursos que permeiam essas construções. Neste trabalho, analisamos *memes*, produzidos a partir do ponto de vista do cuiabano, que se vê menor como morador de periferia, associado à marginalidade, e que se coloca na posição de opressor à cidade vizinha, Várzea Grande.

Até então, a análise é linguístico-discursiva, desvelando as questões sociais presentes na elaboração desses *memes*. Para além da formulação teórica, como forma de contribuir para a discussão, sensibilização para esta temática e tentativa de desestabilização do preconceito, vislumbramos a necessidade de trabalhar no âmbito da educação, em nossas aulas e em momentos de sensibilização com a comunidade escolar. É importante perceber quais capacidades de leitura, associados à informação e leitura da realidade, os alunos manifestam. O trabalho partirá de um gênero textual multimodal, como preconizado pelas orientações nacionais, disponibilizado na web e cumprirá um papel social, de acordo com a natureza da Linguística Crítica, numa prática de letramento crítico.

É necessário, tanto quanto possível, desestabilizar o pensamento colonialista, de modo a discutir, 'a partir da periferia', as questões de preconceito, não só nestas imagens, mas no conjunto de *memes* inicialmente

selecionados e outros, diariamente produzidos, bem como da infinidade de discursos de ódio, xenófobos, opressores. Essas intervenções, de natureza político-crítica, precisam ser presenciais com utilização do suporte da própria rede social, como espaço de discussão, para circular outros discursos.

Para isso, destacamos a importância da formação continuada de professores para a construção e execução de propostas pedagógicas que utilizem tanto os recursos disponibilizados pelas NTIC, quanto às informações vinculadas nas redes de forma mais eficiente em atividades pedagógicas.

## Referências

- BLACKMORE, Susan. Memes and "temes". 2008. [Vídeo]. Disponível em: [http://www.ted.com/talks/susan\\_blackmore\\_on\\_memes\\_and\\_temes#](http://www.ted.com/talks/susan_blackmore_on_memes_and_temes#). Acesso em: 14 jan. 2016.
- CASTRO, Lorena Gomes Freitas de; CARDOSO, Thiago Gonçalves Cardoso. Memes: os replicadores de informação. **Anais Eletrônicos do VI ENPOLE**. 19 e 20 de Janeiro de 2015.
- COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. In: \_\_\_\_\_; RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- MIGNOLO, W. Teorizar a través de fronteras culturales. In: **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Ano 17, n.33. CELACP. 1991.
- MOITA-LOPES, Luiz Paulo da. Introdução. \_\_\_\_\_(org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. *Festschrift* para Antonieta Celani. 1. ed., São Paulo: Parábola, 2013.
- PAES DE BARROS, Claudia Graziano. Capacidades de leitura de textos multimodais. **Polifonia**. Cuiabá: EdUFMT, nº 19, 2009, p. 161-186.
- PASSOS, Marcos Vinícius Ferreira. O gênero "meme" em propostas de produção de textos: implicações discursivas e multimodais. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, p. 107-130, edição brasileira.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política de ensino de línguas no Brasil: histórias e reflexões prospectivas. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Linguística Aplicada na modernidade recente**. *Festschrift* para Antonieta Celani. 1. ed., São Paulo: Parábola, 2013, p. 143- 161.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, 144p.

SAID, Edward W. **Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003, pp. 42 a 48.

TOLEDO, Gustavo Leal. Uma crítica à memética de Susan Blackmore. Revista de Filosofia Aurora. Curitiba, v. 25, n. 36, p. 179-195, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/rrf?dd1=7770&dd99=view&dd98=pb> . Acesso em: 01 jan. 2016.

#### Endereços das imagens:

Figura 1:

<https://www.facebook.com/cu14b4m1lqr4u/photos/a.972161989480692.1073741828.972142016149356/1169533233076899/?type=3>

Figura 2:

<https://www.facebook.com/XomanoQueMoraLogoAli/photos/a.743789562347815.1073741828.743768475683257/1085041628222605/?type=3>

Figura 3:

<https://www.facebook.com/cu14b4m1lqr4u/photos/a.972161989480692.1073741828.972142016149356/1125154614181428/?type=3&theater>

Figura 4:

<https://www.facebook.com/cu14b4m1lqr4u/photos/a.972161989480692.1073741828.972142016149356/1155242171172672/?type=3>